



**Universidade Federal de Santa Maria – UFSM
Educação a distância da UFSM – EAD
Universidade Aberta do Brasil – UAB**

**Especialização em Tecnologias da Informação e da Comunicação
Aplicada à Educação**

**Polo: Restinga Seca – RS
Disciplina: Elaboração de Artigo Científico
Professor Orientador: Prof^a Dr^a Susana Cristina dos Reis
Aluno: Simone Gardin
Data da defesa: 12 de julho de 2014**

**Tecnologias Assistivas no ensino superior: um estudo de caso na
UFSM**

Assistive Technology in higher education: a case study in UFSM

GARDIN, Simone¹

REIS, Susana²

RESUMO

O presente estudo teve como objetivo compreender, com base em experiências práticas contextualizadas nos conhecimentos adquiridos por um grupo de professor(as) que atuam no ensino superior da Universidade Federal de Santa Maria/RS, as formas como o uso de tecnologias podem contribuir com a aquisição de habilidades cognitivas de um aluno incluído e de que forma elas estão sendo utilizadas ou não por esses professores. Além disso, propôs-se verificar entre a fala dos docentes se havia comprometimento pedagógico para a inclusão do aluno cego. A coleta de dados foi realizada através de questionários com as professores e através de uma entrevista com o aluno incluído.

Palavras-chave: Ensino Superior, Tecnologias, Educação.

1 Licenciada em Educação Especial. Universidade de Santa Maria, Santa Maria, RS

2 Doutorado em Letras/UFSM.

ABSTRACT

The present study aimed to understand, based on practical experiences contextualized the knowledge acquired by a group of teacher (s) that work in higher education, Federal University of Santa Maria / RS, the ways in which the use of technology can contribute to acquisition of cognitive skills of a student included and how they are being used or not by those teachers. And to verify if the speech of teachers befits the blind student included. Data collection was conducted through questionnaires with teachers and through an interview with the student included

Keywords: Higher education, Technologies, Education.

1 INTRODUÇÃO

Com o advento do capitalismo novos conhecimentos tecnológicos têm influenciado as relações sociais e pessoais, que se dão no processo de evolução da sociedade. Os mais diferentes setores da sociedade vêm experimentando a tecnologia em seu dia-a-dia, e no campo da educação essa influência não seria diferente. A importância dessa pesquisa justifica-se pelo fato que ao perceber tais modificações, vislumbramos nas tecnologias valiosos recursos para o processo de inclusão digital.

Segundo Baranauskas e Mantoan (2000,p.23),

a convergência entre as novas tecnologias e a educação, força a busca por novas alternativas de ensino que transformem os ambientes educacionais, eliminando a transmissão do conteúdo acadêmico por meio do livro didático e do quadro negro.

Essas modificações provocadas pelo advento do capitalismo provocaram novas discussões fazendo com que a sociedade passa-se a “olhar” o processo da educação inclusiva de outras maneiras. A educação inclusiva, atualmente, é uma realidade e um desafio quando falamos no ensino superior e inclusão de alunos com Necessidades Educacionais Especiais (NEEs).

Muitas das Instituições de Ensino Superior (IES) têm, desenvolvido ações que facilitam o acesso das pessoas com NEEs, mas, não existe uma política que efetivamente contemple a permanência desses alunos no ensino superior. Ainda tem-se, muito trabalho a ser feito, pensado e discutido visando a oportunizar a

adaptação e permanência desses alunos da Educação Especial que ingressam nas IES.

Nos últimos anos percebemos uma visibilidade maior da inclusão dos alunos com NEEs chegando ao ensino superior. Recorrendo aos dados do Censo Escolar/MEC/INEP (2006) é possível perceber o indicativo de que as matrículas dos alunos com deficiência que de 337.326, em 1998, cresceram para 700.624 em 2006, tendo um aumento de 10%. Segundo Valdés (2006), a insuficiência de dados qualitativos e quantitativos a respeito dessas pessoas no contexto brasileiro contribui para uma definição clara de sua problemática social e educacional.

Ainda são poucos os dados e discussões acerca do aluno com NEEs nas IES, porém, a inclusão desses alunos no ensino superior é uma realidade. É também um direito assegurado legalmente, que apresentam ainda inúmeras barreiras dificultando o ingresso e a permanência. As universidades devem organizar-se promovendo a igualdade de oportunidades para todos, garantindo acesso e construção do conhecimento desenvolvendo a efetiva educação com qualidade, não restringindo o acesso apenas para uma minoria da população, assim é necessário que sejam realizadas algumas adaptações no que diz respeito à acessibilidade dos alunos com NEEs.

O objetivo deste estudo é demonstrar como vem sendo utilizada a Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC), mais especificamente, o uso de Tecnologias Assistivas na educação de alunos com Necessidades Educacionais Especiais (NEE) no ensino superior, abrangendo as implicações desse estudo em termos e respostas educacionais que se tem com um aluno com deficiência visual, na Universidade Federal de Santa Maria no Município de Santa Maria, Rio Grande do Sul.

Para isso, neste artigo discutimos e buscamos compreender os conceitos de inclusão e integração para que possamos compreender a metodologia mais adequada na intervenção pedagógica desse sujeito incluído. Além disso, buscamos compreender como está sendo realizado o processo de inclusão digital, educacional e social do aluno cego por meio do uso das Tecnologias Assistivas.

Entendemos Tecnologias Assistivas como sendo:

[...] qualquer produto, instrumento, estratégia, serviço e prática, utilizado por pessoas com deficiência e pessoas idosas, especialmente produzido ou geralmente disponível para prevenir, compensar, aliviar ou neutralizar uma deficiência, incapacidade ou desvantagem e melhorar a autonomia e a qualidade de vida dos indivíduos. (ISO 9999).

Tratando-se de pessoas com deficiência visual as TIC tornam-se fortes aliadas no processo de inclusão destes alunos, pois tais tecnologias possibilitam reprimir as desigualdades existentes dentro do processo de inclusão social. Atualmente, temos, nas tecnologias, o desenvolvimento de habilidades e competências que facilitam e dão suporte à interação dos sujeitos com NEEs, permitindo diferentes interfaces de comunicação. Segundo Santarosa (2002, p.65)

[...] as TIC's são uma nova janela que se abre para amenizar a discriminação social existente em nossa sociedade com relação às pessoas portadoras de algum tipo de deficiência, vista como incapazes de lidar e manusear com instrumentos mais sofisticados como os computadores.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 O contexto da Educação Especial na Legislação Brasileira

Os dispositivos legais dentro do contexto educacional brasileiro principalmente no que tange à educação das pessoas com NEEs, tem recebido forte influências legais ao longo dos anos. Tendo como base, os principais aspectos contemplados nas Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB de 1996, cabe ressaltar diversas normativas legais foram homologadas, das quais citamos as que são tidas como mais relevantes à Educação Especial, tais como:

- Portaria nº 319/99, de 26 de fevereiro- Comissão Brasileira do Braille;
- Portaria nº 554/00, de 26 de abril de 2000- Regulamenta Comissão Brasileira do Braille;
- Resolução CNE/CEB nº 02, de 11 de fevereiro de 2001- institui diretrizes nacionais para a Educação Especial na Educação Básica;
- Resolução CNE/CEB nº 1/ 02, de 18 de fevereiro de 2002- Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores;
- Lei nº 10.436/02, de 24 de abril de 2002- LIBRAS;
- Portaria Ministerial nº 3284, de 07 de novembro de 2003 - dispõe sobre requisitos de acessibilidade de pessoas portadoras de deficiências, para instruir os

processos de autorização e de reconhecimento de cursos, e de credenciamento de instituições.

- Lei nº 10.845/04, de 05 de março de 2004- Programa de Complementação ao Atendimento Educacional Especializado às Pessoas Portadoras de Deficiência;

- Decreto nº 5.626/05-n Regulamenta a Lei 10.436, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais- LIBRAS.(BRASIL, 2009).

Entre as normativas vigentes expostas acima, as que mais afetam diretamente o cotidiano das instituições em cada um dos seus níveis de ensino, no que concerne à análise histórica das Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional é a Resolução nº 02, de fevereiro de 2001 e a Portaria Ministerial nº 3284, de 07 de novembro de 2003, pois elas tornaram-se “peças” chaves para a implementação de novas políticas públicas, fundamentais para a inclusão de alunos com NEEs, garantindo-lhes não apenas uma educação de qualidade, mas um aumento em sua qualidade de vida, um exemplo são os projetos de inclusão digital desenvolvidos, tais como, a criação do Portal da Inclusão Digital, Observatório nacional de inclusão digital, dentre outros. Para Mattos e Santos (2009),

Na sociedade do conhecimento a difusão e a apropriação dos recursos tecnológicos são apresentadas como solução para os mais diversos problemas sociais e econômicos, uma vez que melhorias na qualidade de vida, aumento de renda e as possibilidades de emprego podem ser obtidas com a apropriação e utilização das TICs.

Passada mais de uma década da implementação da Lei 9394/96 sabemos que não basta estar previsto em lei a necessidade de ofertar a escola inclusiva que queremos, acima de tudo é preciso dar condições necessárias para o atendimento dos alunos com necessidades educacionais especiais.

Com relação ao Ensino Superior, a portaria do MEC nº 3284 que foi homologada no ano de 2003, dispõem sobre requisitos de acessibilidade para instrução dos processos de autorização e de reconhecimento de cursos, credenciamento e renovação de instituições no ensino superior. Segundo a portaria, são requisitos de acessibilidade: eliminação de barreiras arquitetônicas para a circulação de estudantes, permitindo acessos aos espaços coletivos, a disponibilidade de equipamentos para o atendimento de alunos com deficiência visual, tais como: impressora Braille, sistema de síntese de voz, a presença de

interprete de LIBRAS aos alunos surdos, bem como o atendimento às demais peculiaridades de cada necessidade educativa especial.

Todavia, sabemos que essas condições referidas são apenas algumas entre tantas aqui não mencionadas sobre a inclusão do aluno com NEEs no ensino superior que apesar de já terem sido implementadas, ainda há muito que ser feito. Segundo Carvalho (1997) são essas barreiras a serem removidas para a efetiva aprendizagem de todos.

2.2 Inclusão de alunos com Necessidades Especiais no Ensino Superior

O Projeto de Lei 4767/98 define o termo acessibilidade como possibilidade de utilização, com segurança e autonomia, dos espaços, mobiliários e equipamentos urbanos, das edificações, dos transportes e dos sistemas e meios de comunicação por pessoa portadora de deficiência ou com mobilidade reduzida. O decreto 5.296, de 02 de dezembro de 2004 que regulamenta as Leis nº 10.048/00 e nº 10.098/00, amplia os conceitos de acessibilidade. O artigo 8 considera:

I - acessibilidade: condição para utilização, com segurança e autonomia, total ou assistida, dos espaços, mobiliários e equipamentos urbanos, das edificações, dos serviços de transporte e dos dispositivos, sistemas e meios de comunicação e informação, por pessoa portadora de deficiência ou com mobilidade reduzida;

II - barreiras: qualquer entrave ou obstáculo que limite ou impeça o acesso, a liberdade de movimento, a circulação com segurança e a possibilidade de as pessoas se comunicarem ou terem acesso à informação, classificadas em:

a) barreiras urbanísticas: as existentes nas vias públicas e nos espaços de uso público;

b) barreiras nas edificações: as existentes no entorno e interior das edificações de uso público e coletivo e no entorno e nas áreas internas de uso comum nas edificações de uso privado multifamiliar;

c) barreiras nos transportes: as existentes nos serviços de transportes; e

d) barreiras nas comunicações e informações: qualquer entrave ou obstáculo que dificulte ou impossibilite a expressão ou o recebimento de mensagens por intermédio dos dispositivos, meios ou sistemas de comunicação, sejam ou não de massa, bem como aqueles que dificultem ou impossibilitem o acesso à informação;

Em 2003 foi homologada a Portaria nº 3284, que dispõem sobre os requisitos

de acessibilidade para instruir processos de autorização e reconhecimento de cursos, bem como de credenciamento das instituições de ensino superior. Segundo esse documento, os meios que facilitam o acesso do aluno com deficiência precisam que seja garantida a permanência do acadêmico no curso de graduação.

Segundo a Portaria são requisitos de acessibilidade, quando se trata de deficiência visual, manter a sala equipada com máquina datilografada e impressora em braille, bem como um sistema de síntese de voz, gravador e fotocopiadora que amplie textos, lupas, régua de leitura e scanner.

2.3 Núcleo de Acessibilidade campus UFSM

A Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) no que concerne a respeito da acessibilidade, permanência e inclusão dos alunos desenvolve programas de incentivo aos discentes visando atender e atenuar a assistência estudantil, dentro do ensino superior. Dentro desses programas temos a bolsa de assistência, bolsa de monitoria, auxílio transporte entre outros recursos dados pela Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE).

Um projeto desenvolvido no campus e que auxilia aos alunos com NEEs é o do Núcleo de Acessibilidade, o qual surge junto com a Política Pública do Programa Incluir do Ministério de Educação.

O programa cumpre o disposto nos decretos nº 5.296/2004 e nº 5.626/2005 e no edital INCLUIR 04/2008, publicado no Diário Oficial da União nº 84, seção 3, páginas 39 e 40, de 5 de maio de 2008. O Programa de Acessibilidade na Educação Superior (INCLUIR) propõe ações que garantem o acesso pleno de pessoas com deficiência às instituições federais de ensino superior (IFES). O Incluir tem como principal objetivo fomentar a criação e a consolidação de núcleos de acessibilidade nas Ifes, os quais respondem pela organização de ações institucionais que garantam a integração de pessoas com deficiência à vida acadêmica, eliminando barreiras comportamentais, pedagógicas, arquitetônicas e de comunicação.(BRASIL,2005).

No contexto educacional do ensino superior existem alunos que necessitam de recursos e procedimentos específicos para seu desenvolvimento, concebendo que universidades públicas buscam para além da formação profissional dos sujeitos uma concepção mais ampla que vise também a sua formação social e cultural . Segundo Libâneo (2009, p.259),

A educação superior está expressa nos artigos 43 a 57 da LDB. Tem por finalidade formar profissionais nas diferentes áreas do saber, promovendo a divulgação de conhecimento culturais, científicos e técnicos e comunicando-os por meio do ensino. Objetiva estimular a criação cultural e o desenvolvimento do espírito científico e do pensamento reflexivo, incentivando o trabalho de pesquisa e a investigação científica e promovendo a extensão. Visa divulgar à população a criação cultural e a pesquisa científica e tecnológica geradas nas instituições que oferecem a formação em nível superior e produzem conhecimento.

O Núcleo de Acessibilidade faz parte dessa lógica que é desenvolvida pela Universidade Federal de Santa Maria onde, temos na educação de qualidade uma propulsora no incentivo a formação acadêmica destes sujeitos. Entre as responsabilidades do Núcleo esta à promoção de condições de permanência e acessibilidade às pessoas NEEs. Além do desenvolvimento de práticas e adaptações curriculares a estes alunos também são desenvolvidas ações aos demais integrantes da instituição alunos, professores e técnico-administrativos

Criado em 2007, o Núcleo de Acessibilidade da UFSM faz parte de uma política de inclusão da Universidade para alunos com necessidades educacionais especiais, abrangendo não só pessoas com deficiência mas, também negros e indivíduos com baixa renda. Hoje o Núcleo atende quatro grupos: surdos, pessoas com deficiência, com transtornos globais de desenvolvimento e com altas habilidade (ORTIS, 2011, p.12)

No que se refere á aplicação de acessibilidade o Núcleo tem como prática em suas atividades de acordo com o relatório das atividades desenvolvidas pela UFSM junto a Pró-Reitoria de Graduação- PROGRAD junto ao programa de Ações Afirmativas de Inclusão Racial e Social as ações desenvolvidas pelo Núcleo de Acessibilidade dentre os anos de 2008- 2011:

- Oferta de apoio acadêmico aos alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento, surdez e altas habilidades/superdotação, quer no uso adequado dos recursos tecnológicos, de informação e de comunicação, quer na facilitação dos materiais de ensino que se façam necessários à sua aprendizagem.
- Organização de cursos de extensão universitária, capacitação e seminários/ eventos que tratem da temática da Educação Especial para comunidade interna e/ou externa da Universidade.
- Criação de um Banco de Dados e de Informações a respeito do acesso, do ingresso e da permanência dos alunos, professores e técnico-administrativos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento, surdez e altas habilidades/superdotação, na UFSM.
- Realização de campanhas de conscientização da comunidade acadêmica – discente, docente e técnico-administrativos -, mediante seminários, palestras, cursos de extensão e capacitação e discussões sobre como romper as barreiras atitudinais diante dos alunos com necessidades educacionais especiais.

- Disponibilização de um profissional intérprete de LIBRAS nos diferentes contextos acadêmicos onde o aluno surdo se faz presente.
- Empréstimos de materiais (notebooks e gravadores) para uso de alunos deficientes auditivos, cegos e cadeirantes da instituição. Esses materiais são emprestados com prazo até a formatura do aluno (cumprindo requisitos legais de renovação de nota junto à Divisão de Patrimônio).
- Promoção da acessibilidade através de materiais didáticos e pedagógicos.
- Realização de reuniões mensais com todos os membros da Comissão de Acessibilidade. (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA, 2011, p. 22-23)

Nessa perspectiva, a Universidade Federal de Santa Maria tem corroborado com a política de inclusão dos alunos com NEEs nos IFES, pois, promove junto com estes programas desenvolvidos ações de acessibilidade no ensino superior, garantindo o apoio pedagógico e social juntamente com a utilização de novas tecnologias além de recursos didáticos necessários ao processo de ensino-aprendizagem destes sujeitos.

2.4 Tecnologias Assistivas: Contribuições no Processo de inclusão

Cada vez mais em nossa cultura temos no uso das tecnologias como ferramenta propulsora da inclusão. Esses dispositivos tecnológicos são indispensáveis na integração social quando falamos na inclusão de aluno com NEEs.

Quando temos algum aluno com deficiência de comunicação ou de locomoção, essa tecnologia fica em evidência, torna-se uma ferramenta útil ao desenvolvimento dos sujeitos incluídos. Segundo o Novo Dicionário Aurélio tecnologia é um “conjunto de conhecimentos, especificamente princípios específicos que se aplicam a um determinado ramo ou atividade” (FERREIRA,1975).

O termo Tecnologia Assitiva¹ vem sendo utilizado há anos no Brasil. E em outros países a discussão é ainda mais antiga como, por exemplo, é o caso dos Estados Unidos da América onde desde o ano 1988 através de uma lei (Technology-Related Assistance for Individuals with Disabilities Act - Public 100-407) se fala em tecnologia assistiva. Segundo Cook e Polgar (2008), a definição legal, para o termo instrumentos de tecnologia assistiva é:

[...] qualquer item, peça de equipamento ou produto, podendo ser adquirido comercialmente, modificado, ou personalizado, usado para aumentar, manter ou melhorar capacidades funcionais de indivíduos com deficiência (COOK; POLGAR, 2008, p. 5).

No Brasil no ano de 2004, através de um Decreto de lei nº 5.296, de 02 de dezembro o governo brasileiro lançou O Portal de Ajudas Técnicas (BRASIL 2004). O país passou a ter um comitê que, conjuntamente com profissionais de diferentes áreas do conhecimento como, educação, medicina, engenharias, fisioterapia, terapia ocupacional, psicologia elaborou a definição da nomenclatura de Tecnologia Assistiva que conhecemos hoje¹:

Tecnologia Assistiva é uma área do conhecimento, de característica interdisciplinar, que engloba produtos, recursos, metodologias, estratégias, práticas e serviços que objetivam promover a funcionalidade, relacionada à atividade e participação, de pessoas com deficiência, incapacidades ou mobilidade reduzida, visando sua autonomia, independência, qualidade de vida e inclusão social (BRASIL, 2007).

Como vimos na definição do Decreto 5.296 a Tecnologia Assistiva trabalhar com conceitos e características multidisciplinares, em que teremos recursos e metodologias distintas, que permitirão novas estratégias de ensino e prática que promoverão o conhecimento e a interação dos sujeitos com alguma limitação, seja está cognitiva ou motora. Podemos dizer que o eixo central do qual a Tecnologia Assistiva trabalha e se preocupa é a relação entre os indivíduo e a tecnologia permitindo assim, que as pessoas com NEEs possam melhorar suas limitações com a ajuda das tecnologias. Segundo Kinsky (2004, p.3):

O Brasil, mesmo com todas as dificuldades orçamentárias dos últimos anos, coloca-se como vanguarda mundial, desenvolvendo tecnologias assistivas que propiciam aos portadores de deficiência, a possibilidade de operar um computador.[...] O Serviço Federal de Processamento de Dados (SERPRO²)

¹ 1 Tecnologia Assistiva é um termo ainda novo, utilizado para identificar todo o arsenal de recursos e serviços que contribuem para proporcionar ou ampliar habilidades funcionais de pessoas com deficiência e conseqüentemente promover Vida Independente e Inclusão. Apesar de provir de tradução inglesa, tanto as palavras assistiva quanto assistive não existem nos dicionários das línguas portuguesa e inglesa, mas pode ser entendida como “auxiliar”, “ajuda”, “assiste”. Mais informações disponíveis em: <<http://www.assistiva.com.br/> <http://www.assistiva.org.br/>>

² SERPRO O Serviço Federal de Processamento de Dados – SERPRO, maior empresa de TIC da América Latina, utiliza sua expertise tecnológica e seu compromisso social nesse projeto de uso intensivo da tecnologia da informação, para ampliar a cidadania e combater a pobreza, visando garantir a inserção do indivíduo na sociedade da informação e o fortalecimento do desenvolvimento local. Percebemos que com as Tecnologias permitem ao aluno incluído seja, no ensino fundamental ou no superior, novas chances de desenvolver suas habilidades de aprendizagem, para Bersch e Tonoll (2010, p.92) Aplicação da Tecnologia Assistiva na educação vai além de um simples auxiliar o

dedica-se a um projeto pioneiro visando à construção de um leitor de telas, voltado para a plataforma Linux que, com o auxílio de um sintetizador de voz, estará garantindo aos cidadãos portadores de deficiência visual, pelo menos neste primeiro momento, todos os benefícios tecnológicos já alcançados até aqui. Este projeto, além de todas as conseqüências positivas em relação ao mercado de trabalho, acesso ao material escolar, relações interpessoais, traz um diferencial econômico da maior relevância, pois será distribuído gratuitamente à sociedade

As Tecnologias Assistivas buscam o desenvolvimento do aluno com NEEs com o objetivo de proporcionar-lhe uma maior independência, inclusão social e principalmente qualidade de vida através da mobilidade, comunicação, controle, desenvolvimento das habilidade de aprendizagem, integração social e familiar além da promoção do sujeito com maior e melhor qualificação para o mercado de trabalho.

3 METODOLOGIA

Durante a realização do curso de Especialização em Tecnologias da Informação e Comunicação – TIC, buscamos temas com os quais tivéssemos uma inquietação ao longo do curso, tais como o processo de inclusão de alunos no ensino superior, o uso das Tecnologias Assistivas, metodologias tecnológicas usadas ou não pelos docentes, que acabaram culminando com a elaboração neste estudo final. Seu propósito é conhecer, explorar e verificar como o uso das TIC está sendo usado no ensino superior com um aluno com deficiência visual e como os docentes tem possibilitado o processo da educação inclusiva no contexto acadêmico da Universidade Federal de Santa Maria.

Esta pesquisa desenvolveu-se a partir de um estudo de abordagem qualitativa, que segundo Gil (1999),

considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos, bem como a atribuição de significados, são básicos no processo de pesquisa qualitativa. Não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave.

aluno a 'fazer' tarefas pretendidas. Nela, encontramos meios de o aluno 'ser' e atuar de forma construtiva no processo de desenvolvimento.

Considero que o uso das TIC no ensino superior é importantíssimo a pesquisa, pois, ela também se constitui como sendo um estudo de caso do aluno com deficiência visual. Propôs-se verificar e avaliar as respostas obtidas pelos docentes e como o próprio aluno incluído o uso ferramentas tecnológicas em sala de aula.

Gil (1997, p.73) salienta que,

o estudo de caso é caracterizado pelo estudo profundo e exaustivo de um ou de poucos objetos, de maneira a permitir conhecimentos amplos e detalhados do mesmo, tarefa praticamente impossível diante os outros tipos de delineamentos considerados.

Para este estudo foi elaborado um questionário semi-estruturado on-line com questões abertas, instrumento de coleta de dados, permitindo assim reunir dados relevantes em relação às experiências e às práticas dos professores sobre a inclusão de seus alunos no ensino superior.

Foi exposta e explicada aos docentes a intenção da pesquisa e foi feita a solicitação para o preenchimento do questionário através do envio de um link gerado pelo Google Drive para o correio eletrônico. O questionário enviado a cinco docentes, mas, apenas três retornaram com as respostas. De acordo com Gil (1991), o questionário é um dos meios mais rápidos para obter informações em uma pesquisa, além disso, garante o anonimato dos sujeitos pesquisados.

Com o uso das tecnologias a possibilidade de criação de questionários digitais tem ajudado no processo das pesquisas científicas, principalmente no que tange à coleta mais rápida dos dados, um co-autor desse processo é programa Google Drive da empresa norte americana Google. Através da criação de formulários o pesquisador obtém concomitantemente geração de gráficos, planilhas, geração estatística aprimorando o seu trabalho de pesquisa.

Escolhemos esta forma de coleta de dados, pois além de ser uma maneira de fácil acesso com os entrevistados, obtém-se, de uma maneira rápida, o levantamento de dados necessários para o desenvolvimento do trabalho.

O questionário foi estruturado com doze questões. Da primeira a questão seis questionamos o perfil dos docentes participantes, quais suas percepções a cerca do processo inclusivo, dificuldade encontradas e perfil da deficiência dos seus alunos incluídos. As questões 7 a 12 buscaram averiguar quais são as estratégias utilizadas

com os alunos incluídos em suas aulas e se os mesmos aplicam as Tecnologias Assistivas em suas disciplinas. A última questão foi deixada para que fossem dadas sugestões ou comentários sobre a inclusão de alunos com NEEs no ensino superior.

A escolha dos sujeitos da pesquisa deu-se pelos docentes universitários estar atuando no primeiro semestre de 2014 com o processo de inclusão no ensino superior da Universidade Federal de Santa Maria no curso de Pedagogia.

Cabe ressaltar ainda que os critérios para seleção dos atores desta pesquisa, os docentes e o aluno com deficiência visual, foram escolhidos por ser parte de uma amostra de conveniência que queria averiguar e compreender em meu trabalho.

4 ANÁLISES E DISCUSSOES

Ao longo da pesquisa buscamos conhecer a importância do uso da Tecnologia Assistiva enquanto elemento facilitador da inclusão escolar junto ao aluno com deficiência visual do curso de Pedagogia da UFSM. Tentamos averiguar como está sendo esse processo de apropriação junto aos docentes do aluno incluído no ensino superior.

A realidade encontrada mostra que essa apropriação/adaptação é deficitária se refletirmos sobre as reais necessidades educacionais do aluno incluído, uma vez que, já temos uma gama de ferramentas tecnológicas à disposição dos educadores, tais como, softwares livres que permitem o download sem custo nenhum. Muitas destas tecnologias são divulgadas, mas a informação por algum motivo não está chegando aos docentes que trabalham com a inclusão nas universidades. Um exemplo de fácil acesso a todos, veio junto à expansão do uso da telefonia móvel no Brasil. Ela é de fácil acesso, pois são desenvolvidos aplicativos que visam ao desenvolvimento de pessoas com necessidades especiais a um baixo custo.

Apesar de apenas ter obtido o retorno de três (3) dos cinco (5) questionários enviados, evidenciou-se nas respostas dos docentes que ao passo que dizem que estão preparados para o trabalho com o aluno incluído, o seu despreparo com a relação à utilização do uso da Tecnologia Assistiva em suas práticas metodológicas de ensino é visualizada pela fala do aluno incluído.

Talvez um dos maiores empecilhos para a implementação ao uso das tecnologias em sala de aula, fique por conta da falta de formação e/ou dificuldade de acesso à informação e aos recursos da Tecnologia Assistiva.

Salienta-se um distanciamento destes profissionais com relação às possibilidades e às pesquisas que temos hoje na área das TIC quando se fala em recursos e ferramentas disponíveis para uso dentro e fora da academia.

A educação inclusiva constitui-se como sendo um novo e velho paradigma educacional por esbarar muitas vezes nas rejeições por parte de alguns docentes dentro do ensino superior. Eles não se utilizam da TIC por não conhecer e/ou sentirem-se inseguros para usá-las ou ainda por encontrarem falta de estruturas de apoio dentro da instituição, fazendo com que o maior prejudicado seja o aluno que necessita destas adaptações curriculares promovidas pelo uso de ferramentas didáticas mais atuais como o uso das Tecnologia Assistiva.

Observamos na pesquisa a falta de materiais adaptados para dar suporte dos conteúdos trabalhados junto ao aluno em sala de aula. E como o mesmo encontra dificuldades recorrentes desta falta de subsídios tecnológicos para aquisição de seu conhecimento. Essa falta de materiais adaptados para promoção da educação do aluno cego demonstra que dos docentes pesquisado não utilizam-se do núcleo de acessibilidade, setor este responsável pela adaptação dos matérias preparados pelos docentes para suas aulas da UFSM.

O que acaba por contrapor-se totalmente a ideia de equidade que se busca quando falamos em educação inclusiva, fundamentada na concepção de direitos iguais, ou seja, sem nenhuma forma de exclusão dentro ou fora da sala de aula.

Ainda que, sejam poucas as estruturas e recursos disponibilizados através das políticas públicas para a implementação de recursos para o uso das Tecnologia Assistiva dentro da instituição é notório, o pouco que temos no campus da UFSM ainda é desconhecido por grande parte dos docentes universitários. Os docentes que estão nesse processo de inclusão de algum de seus alunos precisam entender que o uso das tecnologias assistivas vem para promover uma maior autonomia do sujeito incluído. No caso dos alunos cegos temos leitores, ampliadores de telas e digitalizadores que vão transformar as palavras escritas em sons tais recursos são uma opção de fácil acesso e que é disponibilizada dentro da nossa instituição. Diante dessa realidade os seguintes resultados foram obtidos:

A primeira questão tinha o intuito de conhecer mais sobre os participantes da pesquisa bem como a instituição acadêmica da qual fazem parte. Assim, obtiveram-se as seguintes repostas por parte dos docentes:

Atuo na UFSM há 16 anos nos cursos de Pedagogia e Educação Especial. Minhas áreas de interesse são a Psicologia da Educação e a Educação Especial (Professor 1).

Atualmente estou atuando como Professora Substituta no Curso de Pedagogia, ministrando as disciplinas de Matemática I,II e III (Professor 2).

Tenho Doutorado em Educação Especial, área da deficiência visual. Nessa área atuo em diferentes áreas da deficiência visual: como Sistema Braille, Soroban, Audiodescrição, Tecnologias Assistivas, etc. (Professor 3)

Na segunda questão do questionário, as respostas giraram em torno das percepções quanto à inclusão de alunos com NEEs dentro do ensino superior.

Nesta questão obtiveram-se respostas muito parecidas entre os docentes pesquisados. A este respeito, por exemplo, na fala do Professor 1, “Penso que é o respeito a um direito, mas ainda temos muito para caminhar na UFSM. Mas já temos muitas iniciativas isoladas e outras que são positivamente mediadas pelo Núcleo de Acessibilidade” já para o Professor 2 “Vejo como um direito que deve ser respeitado. É necessário que tanto a instituição quanto o aluno tenham as condições necessária para que se dê a inclusão tão almejada”.

Através do relato de suas impressões sobre a inclusão de alunos com NEEs percebemos claramente em suas falas que é uma condição legal, ou seja, as considerações levantadas estão focalizadas nas políticas vigentes na LDB/96, que garante o direito a uma educação de qualidade aos alunos incluídos.

A partir destas respostas, perguntamos sobre suas experiências com o processo de inclusão de alunos com NEEs no ensino superior. Os gráficos das respostas seguem na pergunta na figura 1.



Figura 1 - Gráfico com as resposta das da questão N°3.
Fonte: pesquisa

Levando em consideração que todos os docentes responderam que sim, todos já passaram pelo processo de inclusão de alunos com NEEs ao menos uma vez dentro da IES. Essa questão mostra que faz parte da realidade dos professores da UFSM o contexto da inclusão destes alunos com NEEs.

Sendo assertiva a resposta da questão anterior, buscamos quantificar em números a estimativa de alunos incluídos na UFSM por estes docentes. Como é possível observar na figura 2, todos já tiveram a experiência de pelo menos um aluno incluído representando um total de 67% e apenas um totalizando 33% que já teve dois alunos incluídos.

4) Se verdadeira a resposta anterior, responda quantos alunos com NEEs já tem participado em suas aulas?

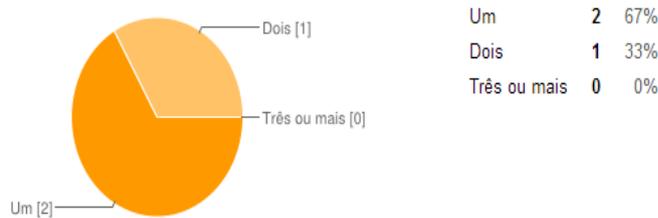


Figura 2 - Gráfico das respostas da questão N°4.
Fonte: pesquisa

Ao verificar o número de alunos incluído no ensino superior investigamos também, na questão posterior, qual a necessidade educativa apresentada por estes alunos. Sendo assim, como mostra na figura 3 podemos perceber que 100% responderam deficiência visual.

5) Qual a necessidade educativa especial que esse aluno apresenta?



Figura 3 - Gráfico das respostas da questão N°5.
Fonte: pesquisa

Na questão seis aferiu-se sobre as estratégias utilizadas pelos sujeitos da pesquisa dentro de sala de aula que visassem a favorecer o aluno com deficiência visual alguma adaptação metodológica. Nesse sentido as resposta por parte dos docentes foi de todos utilizam estratégias para inclusão do aluno. Segundo os Professores,

O aluno surdo tinha intérprete de LIBRAS. Na correção das provas, valorizava o contexto da escrita. Para o aluno cego, podia gravar as aulas,

entregava os textos antecipadamente para que fossem digitalizados pelas monitoras da coordenação e permitia provas em dupla. Professor 1
 Procuro por em prática todos os conhecimentos estudados há anos na área dos deficientes visuais, busco trazer matérias adaptados de modo que o aluno também possa apreciar o conteúdo disponibilizado na sala. Quando não consigo adaptar os matérias faço resumos do conteúdo tratados e envio com antecedência por email a fim de que ele tenha tempo de realizar a leitura e possa participar com perguntas ao longo da aula (Professor 2).

A utilização de materiais adaptados e estratégias simples promoveriam um melhor desenvolvimento deste aluno em sala de aula. Segundo a própria fala do aluno com deficiência visual incluído “a maioria das vezes tenho conteúdo disponível de uma forma que eu possa ter acesso, e se a aula não está programada diretamente para mim, no momento que preciso sempre tive explicações e esclarecimentos.”

Na questão sete, solicitamos que os docentes respondessem se havia alguma dificuldade em relacionar-se com o aluno incluído. Das três respostas obtidas na pesquisa, a maioria disse que não, no total, em porcentagem de 67% dos entrevistados, mas, um dos docentes sente que às vezes encontra alguma dificuldade em relacionar-se com o aluno incluído. Os dados podem ser visualizado na figura 4, a seguir.

7) Você encontra dificuldades de relacionamento e interação com o aluno que tem NEEs em sala de aula?

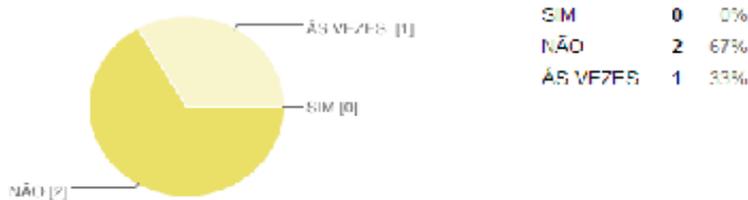


Figura 4 - Gráfico das respostas da questão N°7
 Fonte: pesquisa

Pode-se inferir ainda com relação às estratégias metodológicas utilizadas por parte dos docentes, que quase nenhuma é utilizada visando às necessidades do aluno com deficiência visual. É consenso dos docentes da pesquisa que estratégia diferenciada de adaptação curricular é fazer provas em dupla com o aluno.

Segundo o Professor 1 “PROVA EM DUPLAS, Adaptação de testes de intervenção psicopedagógica que permitiram o aluno cego tocar e acompanhar o desenvolvimento do teste” já o Professor 2 “sim faço provas em dupla” e o Professor 3 coloca “As estratégias utilizadas são usadas para toda a turma. Os trabalhos em duplas ou grupo ou avaliação individual são regras para todos.

Se ao passo que temos claro as normativas vigentes na LDB/96, as adaptações seriam fundamentos básicos na promoção da igualdade dos alunos com NEEs, mas ser direito ainda não os garantem de fato. Os alunos que apresentam algum tipo de NEEs têm necessidade de um suporte educacional para que sua aprendizagem ocorra. Constata-se as inúmeras dificuldades por parte dos docentes em adaptar-se as necessidades do aluno incluído. Com relação a esta questão Maciel (2010, p.10) destaca que:

[...] uma pessoa com deficiência visual pode utilizar-se de recursos e estratégias que apoiam o desenvolvimento de atividades escolares, pessoais, profissionais e sociais. No percurso escolar, adaptações de elementos curriculares (objetivos, conteúdos, estratégias de ensino, tempo) podem ser requeridas para garantir o desenvolvimento da competência curricular e o êxito do desempenho acadêmico [...]

Segundo o aluno com deficiência visual apenas um docente falou com ele sobre adaptações possíveis incluindo o uso de tecnologias no intuito de desenvolver melhor as potencialidades de ensino, dentro da sala de aula, do aluno o qual coloca que: "Sinceramente, em dois semestres tive oito professores; desses oito, apenas um veio falar comigo sobre as tecnologias que eu usava para acompanhar as aulas."

Na tentativa de averiguar melhor as percepções dos docentes na questão de número nove perguntou-se se enquanto professores sentem-se preparados para atuar com aluno com NEEs em sala de aula. Dois responderam que sim e apenas o Professor 2 disse que não se sentia preparado "Infelizmente não, pois tenho muito que aprender sobre , porém acredito que quando isso acontecer vou me adaptando a situação e dessa forma aprendendo a lidar e formar estratégias que possibilitem um aprendizado para esse aluno." Um dos fatores que ocasionam tal despreparo por parte de alguns docentes no ensino superior é dada pela falta de formação contínua a estes profissionais por parte das próprias instituições de ensino que têm essa nova gama de alunos a serem atendidas.

Na pergunta de número dez, pode-se conhecer quais das Tecnologias Assistivas os docentes tinham conhecimento. Conforme a figura 5, obteve-se um percentual de 67% que conhecem e/ou utilizam a Tecnologia Assistiva Dosvox e 33% correspondendo a uso ou conhecimento do sistema Braille. O conhecimento dos docentes da pesquisa com relação o uso da Tecnologia Assistiva demonstra uma

lacuna em seus processos de formação uma vez que apenas citaram uma das tecnologias disponíveis para sua asserção de resposta.

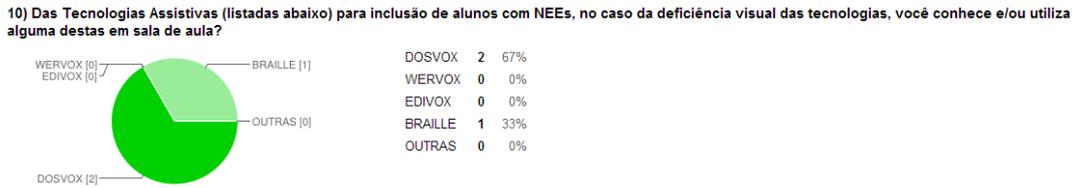


Figura 5: Gráfico das respostas da questão Nº10
Fonte: pesquisa

Com relação à percepção do uso da Tecnologia Assistiva por parte do aluno incluído fica claro que há, entre os docentes, um desconhecimento no que diz respeito a esse tema. Segundo o Aluno “Conforme eu disse antes, apenas um professor veio falar comigo sobre tecnologias e não foram essas ferramentas até pelo fato que hoje já temos ferramentas e programas mais desenvolvidos como o jaws, NVDA, virtual vision e aplicativos.”

Na penúltima pergunta, após as respostas obtidas na pesquisa sobre o conhecimento de algumas Tecnologia Assistiva por parte dos professores buscamos averiguar se os mesmos sabem onde dentro da UFSM encontram-se disponíveis para o uso e acesso aos alunos incluídos no campus. Todos foram unânimes em dizer que sim, que conheciam o Núcleo de Acessibilidade. Nesta questão não foi feita nenhuma pontuação por parte dos docentes entrevistados apenas responderam afirmativamente. Fazendo um contraponto com a resposta dos docentes o aluno com deficiência visual diz que: “Os que já ouviram falar foi vagamente e nenhum deles tenta envolver o núcleo nas adaptações e pedidos de auxílio. Geralmente sou eu mesmo que busco ou faço a adaptação dos materiais.”

Evidencia-se, entre as falas dos docentes e do aluno incluído uma falta de coerência nas respostas dos docentes, uma vez que, é o aluno que leva alguns materiais para tornarem-se adaptados com o uso das Tecnologias Assistivas no Núcleo de Acessibilidade da UFSM..

A última questão solicitava os docentes sugestões ou comentários a cerca do processo e experiência com aluno incluídos no ensino superior. A seguir algumas contribuições feitas pelos docentes:

Assim que for divulgado o resultado do processo seletivo, que as coordenações de curso sejam avisadas que receberão para realizarem reuniões com seus colegiados e professores para elaborarem estratégias e ações de permanência para os estudantes com def/NEE. Formação continuada dos docentes tanto em relação ao que sejam os estudantes com DEF/NEE, quanto a respeito das adaptações curriculares necessárias. Este formação deve ser permanente, pois a cada ano/semestre ingresso novos estudantes com DEF/NEE e cada um desses sujeitos apresenta peculiaridades em seu processo de constituição (Professor 1)

É muito importante o professor conhecer primeiramente as potencialidades de seus aluno e não, enfatizar as suas dificuldades de modo a impedir ou dificultar a participação do acadêmico em diferentes atividades. É preciso ter sensibilidade e buscar auxílio quando tiver dificuldades no seu fazer pedagógico (Professor 3)

Por meio da análise das respostas observamos que todos os docentes estão cientes das dificuldades do processo de inclusão de alunos com NEEs dentro da proposta de inclusão educacional nas IES. Muitos buscam a inclusão deste aluno com deficiência visual ainda que não pautados no uso das tecnologias como sendo uma das melhores estratégias metodológicas para inclusão deste aluno. Outra sugestão bastante pertinente diz respeito a divulgação do processo seletivo para adentar a UFSM, que as coordenações façam reuniões com os futuros docentes para que possam ir avaliando e buscando novas estratégias de ensino.

A partir de conversas informais em uma rede social com o aluno com deficiência visual com relação ao seu processo de inclusão dentro do campus da UFSM o mesmo disse:

creio que não apenas os professores como também a universidade em geral não está preparada para receber pessoas com deficiência. No meu ponto de vista, a universidade não dá condições para os professores e muitas vezes nem para o aluno de estar em um local melhor adaptado; os professores por sua vez, não recebem esse apoio e muitos deles não possuem o menor interesse em se atualizar. Para receber pessoas que precisem de um maior apoio educacional. Desta forma, quem tem que se virar para conseguir as adaptações e apoios necessários muitas vezes são os próprios acadêmicos.

Por fim, a sugestão dada para que se tenham cursos de formação aos docentes demonstra que mesmo não dominando e muitas vezes conhecendo pouco o uso da Tecnologia Assistiva há, por parte dos professores interesse em fazê-los desde que haja divulgação e tempo para sua conclusão.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou conhecer como está sendo o processo de inclusão de um aluno com deficiência visual no ensino superior além de averiguar como é visto o uso de estratégias metodológicas pelos Docentes do aluno incluído utilizando-se de ferramentas acessíveis e disponíveis através do uso das Tecnologias Assistivas dentro da Universidade Federal de Santa Maria. Com o término deste estudo, foi possível observar que a pesquisa, ao tratar do tema da inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais, especificamente de um aluno com deficiência visual no curso de Pedagogia , demonstra a realidade que cada vez mais os docentes universitários vêm encontrando dentro das academias.

Falar e debater sobre inclusão digital e o uso de Tecnologia Assistiva estão em evidência, mas, a questão que perpassa por esta pesquisa é com qual profundidade isso vem sendo tratado junto aos docentes universitários da UFSM.

Precisamos avaliar e discutir a educação que queremos dentro das IES, pois, é uma realidade o crescimento dos alunos com NEEs dentro do ensino superior. Outro ponto que deve ser salientado é quais as Tecnologias Assistivas têm sido oferecidas pela instituição de ensino para que os docentes possam trabalhar com alunos incluídos.

Percebemos a partir da análise deste trabalho uma distanciação significativa entre o que está posto na legislação brasileira para inclusão de alunos com NEEs e a realidade encontrada dentro UFSM. Na prática, as universidades assim como seus docentes não se encontram preparando para atender aos alunos com nenhum tipo de deficiência. Não por não ter recursos e ferramentas, mas sim por não propiciar aos docentes cursos de formação que venham a prover ainda mais a qualificação destes professores.

O que culminaria com uma educação inclusiva de qualidade, pois teríamos profissionais capacitados que saberiam utilizar as mais diferentes TIC disponíveis hoje no campus. Deixar-se-ia de priorizar a reprodução de conhecimentos para a promoção de uma educação de qualidade onde o sujeito incluído verdadeiramente seria igual perante todos.

Diante disso, ressaltamos a importância em dar-se continuidade a esta pesquisa. Pois assim como o aluno com Deficiência Visual do Curso de Pedagogia, têm vários outros cursos de graduação dentro da UFSM em que seus docentes também vivenciam o processo de inclusão e não sabem quais estratégias podem oferecer para o crescimento intelectual do aluno com NEEs.

Existem poucos estudos que falam e demonstram o uso das Tecnologias Assistivas dentro do campus da UFSM. O que torna imprescindível conhecer com mais profundidade quais as possibilidades que já existem quando falamos no uso de tecnologias e quais outras que ainda desenvolvidas poderão ser agregadas ao processo de ensino e aprendizagem.

6 REFERÊNCIAS

BARANAUSKAS, M.; CECÍLIA, C.; MANTOAN, M. T. E. Acessibilidade em ambientes educacionais: para além das Guidelines. In: QUEVEDO, A. A. F.;

BRASIL. **Decreto nº 5296**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil/_ato2004-2006/2004/Decreto/D5296.htm>. Acesso em: 11 mai.2014

_____. **Decreto 5.626 de 22/12/2005**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm>. Acesso em: 10 mai.2014.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Nº 9394/96 de 20 de dezembro de 1996**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm>. Acesso em 15 mai.2014.

_____. **Política nacional de educação especial na perspectiva da educação inclusiva**. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeduc ESPECIAL.pdf>> Acesso em 03 de jun.2014

_____. **Programa incluir**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=495&id=12257&option=com_content&view=article>. Acesso em: 14 mai.2014.

BERSCH, Rita; TONOLLI, José Carlos. **Introdução à tecnologia assistiva**. 2006. Disponível em: <<http://www.cedionline.com.br/ta.html>>. Acesso em: 15 jun.2014.

CARVALHO, Rosita E. **A nova LDB e a educação especial**. Rio de Janeiro:WVA 1997.

COOK; HUSSEY. *Assistive technologies: principles and practice*, mosby. Year Book, USA-Missouri, 1995.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1991.

_____. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

ISO 999.2007. **Norma internacional**: classificação. Disponível em: <http://www.catalogo-ceapat.org/UNE-EN_ISO_9999-2007.pdf> . Acesso em: 06 mai.2014

LIBÂNEO, José Carlos. Educação escolar: políticas, estruturas e organização. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

KINSKY, Marcos. **Portadores de deficiência e inclusão digital no Brasil**. Brasília, 2004, Disponível em:<<http://unesdoc.unesco.org/images/0015/001540/154063por.pdf>>. Acesso em 11 jun.2014.

MACIEL, Diva, Albuquerque. **Desenvolvimento humano, educação e inclusão escolar**. Brasília: Editora Unb,2010.

MATTOS, F. A. M.; SANTOS, B. D. D. R. Sociedade da informação e inclusão digital: uma análise crítica. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 117-132. mar. 2009, Disponível em: <<http://revista.ibict.br/liinc/index.php/liinc/article/view/247>>. Acesso em: 26 mai.2014.

OLIVEIRA, J. R.; MANTOAN, M. T. E. **Mobilidade, comunicação e educação**. Rio de Janeiro: WVA, 2000.

ORTIS, Andrea; HUBERTY, Daniela; HENRIQUES, Mariana. Acessibilidade no campus. Revista **Txt**, ano IV, n. 13, p. 12-13, mai. 2011.

SANTAROSA, L. M. C. Cooperação na Web entre PNEE: construindo conhecimento no Núcleo de Informática na Educação Especial da Ufrgs. In: **Congresso Ibero-americano de Informática na Educação Especial- III CIIIE- SEESP/MEC**, Fortaleza : ago. 2002, p. 64-79

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA. Programa ações afirmativas de inclusão racial e social: relatório de atividades (2008-2001). Santa Maria, 2011. 70p. Impresso.

7- ANEXOS

- 1) Fale sobre sua experiência como docente na instituição e formação acadêmica, especialmente destacando áreas de atuação e interesse.
- 2) Qual é a sua opinião sobre a inclusão de alunos com NEEs em sala de aula no ensino superior?
- 3) Você tem ou já teve aluno com NEEs incluído em sala de aula? () sim () não
- 4) Se verdadeira a resposta anterior, responda quantos alunos com NEEs tem participado em suas aulas?
- 5) Qual a necessidade educativa especial que esse aluno apresenta?

deficiência visual deficiência auditiva Deficiência Motora Altas Habilidades/Supertodotação

6) Como está sendo a inclusão de alunos com alguma deficiência em sua disciplina? A Qual (is) estratégia(s) você recorre para a favorecer a inclusão desse aluno em sua turma ?

7) Você encontra dificuldades de relacionamento e interação com o aluno que tem NEEs em sala de aula?

sim às vezes pouco

8) Você utiliza alguma estratégia metodológica diferenciada com esses alunos? Existe algum tipo de adaptação curricular (por exemplo, prova em duplas, prova oral, etc.) para auxiliar os alunos com NEEs?

9) Como docente universitário você se sente preparado/a para atuar com aluno especial em sala de aula?

10) Das Tecnologias Assistivas (listadas abaixo) para inclusão de alunos com NEEs, no caso da deficiência visual das tecnologias, você conhece e/ou utiliza alguma destas em sala de aula?

DOSVOX

WERVOX

EDIVOX

CARTAVOX

BRAILLE

11) Você tem conhecimento sobre o Núcleo de Acessibilidade da UFSM? É de seu conhecimento que existem tecnologias assistivas à disposição na UFSM para os alunos incluídos na Universidade?

12) A partir de sua experiência (ou não) com alunos com NEEs, dê sugestões ou faça comentários sobre esse tema.